



Produção Agroecológica para Construção de Autonomias no Campo e na Cidade: Uma Experiência em Três Lagoas-MS e em Londrina-PR

*Agroecological Production for Autonomies Construction in the Countryside and in the City:
An Experience in Três Lagoas/MS and Londrina/PR*

PAULINO, Eliane Tomiasi¹; MOREIRA, Rosangela Maria Pinto¹; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida².

¹ Universidade Estadual de Londrina, eliane.tomiasi@uel.br; rosang@uel.br. ²Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, rosemeire.almeida@ufms.br.

Resumo: Os apontamentos contidos nesse texto advêm de uma experiência articuladora em múltiplas dimensões, a começar pela espacial, pois de um lado envolve o campo, especificamente projetos de assentamento da Reforma Agrária e de outro o campus, mais precisamente o de duas universidades públicas, a Universidade Estadual de Londrina, no Paraná e a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em Três Lagoas. O encontro de saberes dentro de uma cadeia de disposições agregadoras é o fio articulador da proposta de produção agroecológica vinculada a um mercado solidário constituído dentre a comunidade universitária das instituições mencionadas.

Palavras-chave: Agroecologia, Soberania Alimentar, Assentamentos da Reforma Agrária, Agricultura Sustentada Pela Comunidade.

Abstract: This text is based an articulated experience in multiple dimensions from the space and involving the countryside, specifically projects to settlement land reform and on the other the campus, more precisely that of two public universities, the Universidade Estadual de Londrina, in Paraná, and the Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, in Três Lagoas. The aggregating knowledge is the link between the proposal of agroecological production linked to the solidarity market constituted among the university community of the mentioned institutions.

Keywords: Agroecology, Food Sovereignty, Settlements of Land Reform, Community Supported Agriculture.

Introdução

A radicalidade da artificialização dos mecanismos do viver, desde a quimificação da comida até a interposição de barreiras entre os que a produzem e os que a consomem, é um dos elementos que estão na raiz da ressurgência da agroecologia como práxis, é necessário que se diga, pois foi sobre ela que civilizações foram erigidas e puderam prosperar.



No entanto, existem razões de ordem tanto técnica quanto teórica que comparecem como bloqueios à sua disseminação, dada a dificuldade de produzir sem o recurso aos agrotóxicos e ao arsenal químico-mecânico. Trata-se de uma situação que exige um enfrentamento científico, já que o manejo predatório durante décadas legou um passivo ambiental acumulado e que se manifesta desde a escala local, em solos erodidos e empobrecidos em sua biota, até a escala regional, onde os desequilíbrios ecológicos estão traduzidos em mudanças de regime das chuvas e de redução da biodiversidade, para ficar somente nesses exemplos. Para além dessas questões de ordem técnica, há questões de ordem política, pois não basta ser capaz de produzir em sistemas agroecológicos, é preciso também romper a barreira do mercado convencional, criando mecanismos de aproximação entre produtores e consumidores.

São essas as condições motivadoras das experiências tratadas nesse texto, e que foram desenvolvidas segundo uma metodologia participativa envolvendo comunidade acadêmica, incumbida do apoio técnico e também da aquisição de alimentos produzidos em sistemas agroecológicos por assentados da reforma agrária.

Semeando agroecologia e colhendo autonomia

Embora a agricultura seja uma atividade em dependência estrita com os ciclos da natureza, a tecnologia vem atuando no sentido de minimizá-la, valendo-se de insumos e formas de manejo potencializadoras em termos de resultados que se mede em volume de colheitas. Essa que parece ser uma dinâmica virtuosa, na prática instaura um ciclo vicioso, dada a dependência crescente dos agricultores para com oligopólios que monopolizam a produção e distribuição dos pacotes técnicos dos quais a agricultura parece não poder mais prescindir.

A consolidação de um circuito alimentar marcado pela liberdade de ação das corporações supõe o aniquilamento de agrossistemas constituídos em simbiose com as características edafoclimáticas e culturais que foram se determinando mutuamente. Para tanto, necessita de uma rede com articulações em diferentes escalas e que, localmente, se materializa na ação dos atravessadores que se interpõem entre os produtores e os consumidores.

Pode-se afirmar que as distorções que isso provoca são de ordem territorial, pois envolvem não apenas a qualidade e a diversidade do abastecimento alimentar, mas também a economia, porque a redução das oportunidades de os pequenos produtores acessarem os mercados repercute diretamente na desorganização da produção que, por sua vez, impacta os locais onde a agricultura comparece como setor importante para a geração e mobilização dos fluxos de renda local. Ou seja, o ciclo insumos-colheitas-dinheiro não se encerra no campo e tampouco afeta todos



os agentes da cadeia com igual intensidade, a começar pelos camponeses, o seu elo mais frágil.

Essa fragilidade, determinada pela pequena escala de produção e consequente dificuldade de acesso aos mercados, também afeta os consumidores, pois envolve variações de preços nem sempre compatíveis com a renda salarial e, igualmente, a deterioração da qualidade da comida, cada vez mais produzida com substâncias tóxicas cujas implicações à saúde e ao meio ambiente já se avolumaram o suficiente para apontar a necessidade de superação da agricultura convencional de escala, sob pena de irreversibilidade do colapso social e ambiental.

As constatações, no entanto, parecem não bastar, pois o paradigma do progresso é indissociável da ideologia da segurança alimentar que, por sua vez, trabalha com o imaginário social mediante a ideia de que sem o aprofundamento das técnicas convencionais não é possível alimentar a humanidade.

Esse é o contexto de florescimento do debate político e acadêmico sobre a ecologia, contexto este que nos estimulou a desenvolver projetos de extensão que pudessem transcender a dimensão clássica do trabalho científico, que consiste numa relação unidirecional: da universidade, que produz o conhecimento, para a comunidade, que está para além dos seus muros.

Procura-se com as experiências aqui relatadas inverter esse fluxo, de modo a permitir que o saber comum adentre muros, por meio de testemunhos práticos: comida de qualidade e procedência. Como no Brasil o latifúndio vem ganhando a batalha de convencimento da sociedade de que a luta pela terra é ilegítima, trata-se de um encontro profícuo, porque confrontar o senso comum é tarefa inalienável da universidade. Fazê-lo favorecendo o desenvolvimento de autonomias em contextos de sustentabilidade socioambiental é ainda mais relevante. Isso é o que vem se dando em duas universidades com realidades distintas e temporalidades também distintas, o que faz também que as dinâmicas se diferenciem, sem a perda do elo fundamental.

O projeto Sacolas Camponesas vem sendo desenvolvido pela equipe da UEL desde 2016 e nasceu inspirado no projeto “Sacolas Agroecológicas” desenvolvido na UFMS/Campus de Três Lagoas (CPTL) desde 2014.

Atualmente, o trabalho da UFMS/CPTL articula grupo de consumo de sacolas com feira de produtos em transição agroecológica que acontece no Campus e nos Condomínios Don El Chall e Alto dos Ipês, visando atender a dois propósitos principais, a saber: ampliar as possibilidades de renda dos camponeses do Distrito de Arapuá e do assentamento de Reforma Agrária 20 de Março e oferecer, aos consumidores da cidade, a opção de produtos em transição agroecológica, tendo como referência a comunidade do CPTL. Estes propósitos permitem eliminar



atravessadores do processo de comercialização, estimular laços de reciprocidade e, conseqüentemente, elevar a autoestima dos camponeses, a partir de uma troca de conhecimento entre comunidade universitária, agricultores e sociedade externa.

Tanto nas sacolas como na Feira são oferecidas verduras, legumes, tubérculos, raízes e variados produtos da indústria doméstica como doces, compotas, bolos, salgados, além de artesanato. Além dos produtos disponibilizados a varejo, já se encontra em funcionamento um sistema de encomendas da produção animal de quintal, como frango, ovos, carne suína, banha etc.



Figura 1. Alimentos na feira agroecológica da UFMS/CPTL.

Faz-se necessário destacar que até 2016 o Assentamento Vinte de Março não tinha recebido financiamento público para produção ou reforma de área – embora sejam direitos previstos em lei. O histórico das famílias assentadas é o da omissão do Estado mesmo no provimento de infraestrutura mínima para se viabilizarem como camponeses. Em razão disso, muitos assentados se veem obrigados a vender sua mão de obra, muitas vezes às empresas de celulose instaladas em Três Lagoas, para que seja possível a reprodução social do grupo familiar.

Não obstante, esses camponeses não desistiram de produzir na terra e, mais, produzem de forma mais equilibrada, se afastando do uso de agrotóxicos e adubos químicos em direção à agroecologia. Atualmente, no PA Vinte de Março há 21 pessoas trabalhando com produtos de base agroecológica. Além das vendas diretas



nas feiras e grupos de consumo, atendem mercados institucionais do governo e alguns mercados privados, abastecendo refeitórios industriais.

Em Londrina, o Projeto Sacolas Camponesas começou com 40 mulheres do Assentamento Eli Vive, onde parte das 512 famílias vive em situação precária, pois embora a imissão de posse tenha ocorrido em 2014, a liberação dos lotes se deu sem que a infraestrutura que deveria acompanhar a constituição do assentamento estivesse concluída.

A isso acrescenta-se o fato de as famílias terem chegado à terra depois de um tempo médio de sete anos de permanência em acampamentos, situação que erodiu ao limite seu patrimônio familiar e pecúnia solvável. Atualmente, aproximadamente 30% das estradas para acesso aos lotes ou às sedes ainda estão por ser abertas e muitos não dispõem de água em quantidade suficiente sequer para a criação de aves e animais de pequeno porte, sem falar no problema das habitações, já que esse recurso até o momento não foi liberado, sendo comum moradias precárias e improvisos de diversas ordens, incluindo-se as duas escolas nas quais estudam mais de 500 crianças.

O acesso aos bens e serviços é difícil, em vista da precária conservação da estrada não pavimentada que promove a ligação com a sede do distrito e com a cidade de Londrina, até porque só há transporte coletivo quatro vezes e em dias úteis, desde que não chova em profusão.

Considerando-se essa realidade, buscou-se o fortalecimento de sistemas agroecológicos conduzidos por mulheres camponesas, obedecendo-se o princípio do empoderamento feminino, aumento da renda familiar camponesa e inclusão tecnológica-produtiva-mercantil.

Ocorre que o objetivo não é apenas apoiar, melhorar e disseminar o processo de produção de quintal no sistema agroecológico de cultivo, mas promover simultaneamente a aproximação dos pesquisadores e da comunidade universitária de um modo geral com a realidade da agricultura camponesa, notadamente dos assentamentos de reforma agrária.

A correlação entre a produção de alimentos sanos e o consumo incluído e socialmente justo ocorre em meio ao fortalecimento de uma cadeia triádica, composta pelos membros da equipe do projeto, denominados de mediadores, que se comprometem a atuar com vistas ao fortalecimento dos princípios nos quais repousam a estratégia das sacolas camponesas, que funcionam dentro de um sistema de agricultura apoiada pela comunidade.

Dentro da UEL há atualmente 60 apoiadores que, mediante pagamento fixo e antecipado, recebem semanalmente uma sacola de alimentos frescos, divididos

entre verduras, legumes, tubérculos, frutas e temperos. São as mulheres que decidem quais serão os alimentos a serem fornecidos com base na disponibilidade e obedecendo-se a um rodízio para que todas as integrantes possam participar.



Figura 2. Sacola Camponesa entregue na UEL.

Em vista da dinâmica do compromisso mútuo, em que a equipe promove a capacitação para a produção agroecológica, bem como ao planejamento segundo o calendário de entregas, chegou-se ao estágio da produção de excedentes que não consegue ser absorvida dentro da estrutura do projeto.

Isso culminou na extrapolação de mercados e na adequação de estratégias para atender consumidores dentro do assentamento, sobretudo professores da educação do campo, na entrega de porta em porta no Distrito de Lerroville e na cidade de Tamarana e em feiras na cidade de Londrina, sendo esse um dos resultados da autonomia que almejamos construir, pois as demandas originadas a partir da implantação do projeto Sacolas Camponesas acabaram por influenciar a organização da produção e a geração de produção de excedentes de olerícolas pelas mulheres a ele vinculadas. Nesse sentido, promete trilhar o ocorrido em Três Lagoas em que, a partir da dinâmica das Sacolas Agroecológicas, foi possível evoluir para a comercialização direta a varejo.



Considerações finais

A implementação de projetos em duas frentes de atuação mutuamente relacionadas, a da produção agroecológica e a dos mercados solidários, mostrou-se importante para a construção de princípios de reciprocidade que transcendem a lógica dos equivalentes monetários em trocas mercantis, tornando-se um fundamento da fidelização voluntária verificada dentre os integrantes da experiência em Londrina e em Três Lagoas. Nesse sentido, pode-se concluir que a criação e consolidação de espaços de comercialização direta da produção dos assentados é essencial para a construção de autonomias, extensiva a dos cidadãos, que passam a ter a seu dispor alimentos livres de veneno. Acredita-se que a proposta iniciada na UFMS/Campus de Três Lagoas possa prosperar em igual direção na UEL, mas também em outras universidades, pois os resultados exitosos ajudam na divulgação e valorização da cultura camponesa e da agroecologia, pilares da construção de trocas virtuosas alinhadas com o objetivo de soberania alimentar como plenitude de uma utopia de democracia tão ameaçada nestes tempos.

Agradecimentos

Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do estado do Paraná, Programa Universidade Sem Fronteiras, Termo de Cooperação TC SETI/USF/UGF 53/2017. Pró Reitoria de Extensão da Universidade Estadual de Londrina (PROEX), Projeto PROEX 2155/2017. Pró Reitoria de Extensão, Cultura e Esporte da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PROECE), Termo de Cooperação SIGPROJ 305235.1591.389.2704/2018.

Referências

ALMEIDA, R. A. Dinamizando a agricultura camponesa e o consumo agroecológico em Três Lagoas/MS. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 8. **Anais...** Goiânia: UFG, p. 5655-5667, 2015.

BATLIWALA, S. The meaning of women's empowerment: new concepts from action. In: SEN, Gita; GERMAIN, Adrienne; CHEN, Lincoln C. (Ed.). **Population policies reconsidered: health, empowerment and rights**. Boston: Harvard University Press, 1994. p. 127-138.

COOLEY, J. P.; LASS, D. A. Consumer benefits from community supported agriculture membership: a comparison of CSA share versus retail produce value. **Review of Agricultural Economics**, v. 20, p. 227-237, 1998.



KATHERINE L. A. **Community Supported Agriculture**. ATTRA. National Sustainable Agriculture Information Service. Disponível em: <http://www.attra.ncat.org/USF%202018-2019/2006%20%20CSA_ATTRA1.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2016.

PAULINO, E. T. Soberania alimentar e campesinato: disputas teóricas e territoriais. **GEOgraphia**, Niterói, v.17, p.177-204, 2015.